

CAFÉS DE RESISTÊNCIA: CORPO, DISCURSO E ECONOMIA

Maurício Beck¹

Phellipe Marcel da Silva Esteves²

O Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales, órgão do governo francês criado em 2005 pelo CNRS (Conselho Nacional de Pesquisa Científica, assemelhado ao CNPq brasileiro), é um site que integra o recenseamento, a documentação, a normalização, o arquivamento e o enriquecimento/difusão de fontes textuais. Nele é possível encontrar diversas definições em distintos *corpora*, que vão de textos reconhecidos como técnicos a literários. Ao se digitar o verbete “café” e se procurar uma definição que não se reporte à bebida ou ao grão, mas à sua forma de comercialização, é encontrada uma sequência do romance *La Recherche de l'absolu*, de Honoré de Balzac:

7. Un Café est une assemblée où, pendant une soirée entière, les invités boivent les vins exquis et les liqueurs dont regorgent les caves dans ce benoît pays, mangent des friandises, prennent du café noir, ou du café au lait frappé de glace; tandis que les femmes chantent des romances, discutent leurs toilettes ou se racontent les gros riens de la ville. (Balzac, *La Recherche de l'absolu*, 1834, p. 199)

Integrando a coleção da *Comédia Humana*, de Balzac, *A procura do absoluto* é classificada pelo próprio autor como componente da seção “Estudos filosóficos”³. Na definição observada acima, um quase-verbete enciclopédico, um café é significado como lugar de encontro onde os convidados passam uma noite inteira bebendo. O cenário descrito por Balzac conta também com práticas comensalísticas marginais ao beber do café, como a divisão de tarefas dentro do ambiente onde se

¹ Doutor em Letras pela UFSM. Professor da UESC. Membro do Coletivo de Trabalho Discurso e Transformação.

² Doutor em Estudos de Linguagem pela UFF. Professor da UERJ. Membro do Coletivo de Trabalho Discurso e Transformação.

³ Uma breve explicação: Balzac classificou sua obra completa, intitulada *A comédia humana*, diversas vezes. *A procura do absoluto* comparece dentro da seção referida, em contraste, por exemplo, com “Estudos de costumes” e “Estudos analíticos”.

bebe: uma divisão que passa pela distribuição de posições de gênero. Homens beberiam, mulheres cantariam romances, discutiriam perfumaria e contariam os grandes nadas da cidade.

Iniciamos este artigo por essa definição literária porque ela nos parece significar, no discurso, um dos espaços ocupados pelos cafés na vida cotidiana do século XIX. Metonimicamente, pensamos em como esses estabelecimentos de encontro têm sido significados e ganhado espaço nas formações sociais ocidentais. Particularmente, nos perguntamos de que modo, ao se dizer (de) (em) um café, podemos trabalhar com categorias importantes da análise materialista do discurso, como *formação discursiva*; *identificação*, *contraidentificação*, *desidentificação*; *corpo* etc. Além disso, em se tratando de uma comunicação no âmbito de um simpósio em **Discurso e materialismo histórico**, gostaríamos de revisitar as noções marxianas de *alienação* e de *fetichismo*, tratadas inicialmente por Althusser como sombras da presença de um jovem Marx no materialismo histórico, como também conceitos presentes até a fase dita madura do fundador da ciência da história.

Como mapa de nossa exposição, pontuamos a ordem de nosso empreendimento teórico-analítico:

- Recorte de sequências de enciclopédias para que conheçamos o que é dito predominantemente, no Brasil e alhures, sobre os estabelecimentos que são chamados de *cafés*;
- Identificação do funcionamento do discurso sobre café nessas sequências;
- Ideias preliminares sobre o funcionamento do discurso sobre o café, entre economia e corpo;
- Análise do espaço discursivo do Curto Café, estabelecimento do Rio de Janeiro;

Nesta breve exposição, exporemos de modo condensado esses pontos.

DISCURSO ENCICLOPÉDICO

Temos trabalhado (ESTEVEES, 2014) o discurso enciclopédico como dotado de um funcionamento que mobiliza a língua para produzir metassaberes, ou seja,

normatizar, em sua exposição, saberes sociais. Tal processo permite, por exemplo, que determinadas epistemes, certezas, conclusões científicas sejam imaginariamente traduzidas a um público não necessariamente composto por cientistas, bem como que discursos sobre a história, a tecnologia, as ditas *coisas* circulem e referendem interpretações sobre objetos discursivos.

Para este relato resumido de nossa investigação, selecionamos recortes da *Encyclopedia popular (EP)*, obra publicada em Minas Gerais em 1879, tendo sido uma das primeiras enciclopédias de divulgação científica do Brasil; da *Encyclopedia e dictionário internacional (EDI)*, traduzida de obra originalmente norte-americana, mas lançada no Rio de Janeiro entre 1920 e 1930; e da *Enciclopédia brasileira Mérito (EBM)*, de 1958, primeira no Brasil a receber o gentílico “brasileira” no título. Nessas três enciclopédias, identificamos três modos de dizer sobre *café*: como produto de exportação, como “alimento de poupança” e como estabelecimento de consumo. Concentramos nossas atenções, inicialmente, nas orações relativas explicativas presentes nas sequências, seguindo teorização de Pêcheux:

(...) a proposição explicativa (que, como salienta Frege, pode, entre outras possibilidades, ser parafraseada por uma subordinada introduzida por “porque”) intervém como suporte do pensamento contido em uma outra proposição, e isso por meio de uma relação de implicação entre duas propriedades, α e β , relação essa que enunciamos sob a forma “o que é α é β ”. Daremos a essa relação o nome efeito de sustentação (...) a articulação de asserções, que se apoia sobre o que chamamos o “processo de sustentação”, constitui uma espécie de retorno do saber ao pensamento. (PÊCHEUX, 1997 [1975], p. 110-111)

O efeito de sustentação dá conta de que um já-sabido, um *fora da enciclopédia*, uma recusa à ignorância, retorne ao discurso. Na *EP*, no artigo “Brazil”, subseção “Commercio”, diz-se que o café é um dos “principaes produtos de exportação do Brazil”:

Café. – Representa, de per si só, cerca de metade do valor total da exportação brasileira, e sua produção, que aumenta consideravelmente todos os annos, é calculada em perto de 300,000,000 kilogrammas, dos quaes pouco mais da quinta parte é consumida no Brasil. (VEIGA, 1879, p. 531; sublinhas nossas)

Também nessa enciclopédia, no artigo “Invenções e descobertas”, é afirmado que:

[O cultivo do café] E’ o principal ramo da lavoura e da exportação do Brasil, que deve ao café grande parte de sua prosperidade nos últimos 30 anos. (VEIGA, 1879, p. 687-688; sublinhas e colchetes nossos)

Há uma regularidade, nessas orações, que presume o café como um artigo de produção cada vez mais importante no Brasil, embora de consumo não tão praticado, conforme ressaltado em “pouco mais da quinta parte (...)”, da última sequência. A dicotomia produção-consumo é relativamente alterada quando a *EDI*, alfabética, significa, também numa oração relativa, o consumo do café como algo dominante em relação à bebida de outros líquidos:

Certas substancias empregadas como alimentos são pouco modificadas no seu trajecto atravez da economia ; parecem actuar tornando as combustões mais uteis ou mesmo deminuindo-as ; favorecem a transformação do calor em força e de ahi o seu nome de alimentos de poupança (alcool, café, chá, que é um succedaneo attenuado do café, o cacáo, que é igualmente um reparador, a coca, etc.) (W.M. JACKSON, 1920-1930, p. 334; sublinhas nossas)

A implicação – o efeito “o que é α é β ” – de que há uma correspondência ainda que não integral entre o chá e o café, materializando o café como parâmetro, indica como essa bebida atua, no retorno do saber ao pensamento, como “reparadora” ideal: serve de modelo para dizer do chá e do cacau, na formação social brasileira das décadas de 1920 e 1930. Não à toa, entre os três, o café era o ingrediente conhecido pelos europeus há mais tempo: ele precede a época das Cruzadas e da expansão marítima e comercial, enquanto o cacau – das Américas – e o chá – da Ásia – foram adotados pelo Velho Mundo europeu somente depois da busca mais intensa de especiarias pelo Oriente que provocou também a chegada ao Novo Mundo. O café, já “domesticado” pelos europeus nos 1500, ainda no começo do século XX, no recorte anterior, é o já-lá, o saber a que se retorna para constituir outro.

Na *EBM*, alfabética, o verbete “café” já faz circular outro efeito de sentido, para além de “bebida tônica e aromática”, para o significante: estabelecimento.

CAFÉ, s. m. – Do ár. *kahwah*. Semente do cafeeiro de que se faz infusão; bebida tônica e aromática resultante da infusão do pó dessa semente; caça pública em que se vende essa infusão: botequim. (...) (MÉRITO, v. 4, 1958, p. 181)

Essa enciclopédia, brasileira, referenda a presença desse tipo de “casa pública” em suas páginas, um contraste diante dos instrumentos de metassaberes anteriores. Se antes dizia-se prioritariamente da produção do café no Brasil, bem como de sua prevalência diante de outras bebidas, agora se diz de seu consumo em estabelecimentos homônimos à bebida, e supostamente sinônimos a “botequim”, que remete a outras memórias.

Em nossas reflexões, a produção e o consumo de café no Brasil devem ser pensados em termos análogos e simétricos, assim como alienação e fetichismo. Para Marx,

O consumo também é imediatamente produção, do mesmo modo que na natureza o consumo dos elementos e das substâncias químicas é produção da planta. (...) Porém, diz a Economia, essa produção idêntica ao consumo é uma segunda produção, derivada da destruição do primeiro produto. Na primeira, coisificou-se o produtor; na segunda, personifica-se a coisa por ele criada. (MARX, 2011 [1857-1858], p. 46)

Portanto, pode-se pontuar que: (a) a produção de café no Brasil é também consumo material; (b) no consumo do café feito pelo sujeito, coisifica-se o produtor do café, apagando sua participação do processo produtivo: em “que deve ao café grande parte de sua prosperidade nos últimos 30 anos”, da *EDI*, o Brasil deve ao café sua prosperidade, não ao produtor, aos trabalhadores que lidam com o cultivo do café; (c) no jogo entre produção para o exterior e consumo interno, é interessante notar também como funciona a distribuição do produto:

Na sociedade, no entanto, a relação do produtor com o produto, tão logo este esteja acabado, é uma relação exterior, e o retorno do objeto ao sujeito depende de suas relações com os outros indivíduos. Não se apodera dele imediatamente. Tampouco a imediata apropriação do produto é a finalidade do produtor quando produz em sociedade. Entre o produtor e os produtos se interpõe a *distribuição*, que determina, por meio das leis sociais, sua cota no mundo dos produtos, interpondo-se, assim, entre a produção e o consumo. (MARX, 2011 [1857-1858], p. 49)

O Brasil produtor de café não é, ao século XIX, o Brasil consumidor de café que é no século XX: mas é o Brasil que consome seus recursos naturais e a força de trabalho de seus sujeitos. As leis sociais de distribuição e de atribuição de valor ao produto *café*, no entanto, se alteram e permitem que a bebida se torne (a) de gosto dominante na formação social e (b) de consumo mais amplo.

TRABALHO DO CORPO, CORPO TRABALHADO, CORPO CONSUMIDO

No descortinar do século XXI, o capitalismo globalizado se intensifica na quarta dimensão (a do tempo) por meio da aceleração da produção industrial (sobretudo na China) e (dita) pós-industrial (no mundo ocidental *desenvolvido* ou *em desenvolvimento*). Não é estranho, nem contingente, a disseminação mundial das casas de venda e de consumo do café, essa “reparadora ideal das forças produtivas”.⁴ Substância psicoativa cujos efeitos salientariam o estado de vigília necessário ao trânsito em grandes centros urbanos, e indispensável à otimização do trabalho simbólico. Atividade esta que, na maioria dos casos, requer do trabalhador atenção contínua e corpo imobilizado.

Por sua vez, o corpo do trabalhador é, em nossa leitura de base materialista histórica, “uma *força produtiva*, um instrumento de produção, uma aparelhagem tecnológica que se define por suas relações complementares ou contraditórias com outras forças produtivas” (BRÖHM, 2007, p. 342). Consideramos interessante ressaltar a categoria dialética da produção e do consumo, do trabalho do corpo e do consumo do/pelo corpo, sobretudo em uma época em que os corpos tornam-se sede de um culto, de uma idealização por via da chamada *corpolatria* — e cuja crítica insiste unidimensionalmente no corpo descrito como consumo:

⁴ O enunciado de um dos trabalhadores/sócios/proprietários do Curto Café que inspirou este trabalho responde a uma indagação que Phellipe Marcel e sua ex-orientadora e amiga Vanise Medeiros fizeram ao sujeito, se o lugar era uma loja, uma associação, um coletivo etc. Ele responde: “Não põe nome, não... A gente faz é isso aí mesmo”, no dia 23 de fevereiro de 2015. Essa maneira verbal, que envolve as práticas econômicas de uma forma desidentificada, de formular sua resposta nos soou tão peculiar quanto a própria instituição do Curto Café, que, subvertendo a lógica da alienação, põe em cena os sentidos de trabalho ao delegar aos sujeitos que bebem café decidirem pelo valor que pagam pelo produto consumido. Esse enunciado, e outros, serão mais bem-explorados numa versão expandida deste artigo.

As práticas e as representações do corpo na sociedade de consumo são, com efeito, atravessadas por estratégias multiformes de regulação de fluxo, de matérias, de energias a incorporar, canalizar, eliminar. Ela faz de cada indivíduo o gestor de seu próprio corpo, e de cada sujeito masculino o fiador da virilidade de sua imagem. O body-building e a constelação de práticas que são desenvolvidas no mesmo período e que lhe são próximas de longe ou de perto — a corrida, a aeróbica, os regimes de baixas calorias ou ainda o desenvolvimento sem precedente da cirurgia plástica... — todas essas técnicas de gestão do corpo que floresceram a partir dos anos de 1980 são sustentadas por uma obsessão das aparências corporais: expandiu-se um pouco por todos os lugares o amor pelo liso, pelo polido, pelo fresco, pelo esbelto, pelo jovem, e com este, a ansiedade face àquilo que, da aparência, parece relaxado, dobrado, negligenciado, amarrotado, enrugado, pesado, amolecido, frouxo, distendido; uma negação ativa das marcas do envelhecimento sobre o organismo. (COURTINE, 2013, p. 565-566).

Courtine parece se ater a uma abordagem descritiva do fenômeno. Faltaria à noção de *sociedade de consumo* uma explicação da dinâmica econômica subjacente, de modo a podermos melhor responder a questões como: as outras práticas desportivas podem ser explicadas pela mesma chave “obsessão pela virilidade”? O regime de baixas calorias não é um fenômeno que somente poderia emergir em uma formação social em que há superoferta de calorias em forma de gordura, amido e açúcar industrializados? O gosto pelo corpo esbelto não deriva desta mesma condição histórica? O gosto pela juventude em uma das sociedades mais longevas já existentes não seria um vestígio da contradição entre as forças produtivas e as relações de produção contemporâneas?

Para avançarmos na compreensão do funcionamento das atuais discursividades que reproduzem/transformam os sentidos dos corpos, talvez seja teoricamente profícua uma concepção mais dialética de produção/consumo. Esta é, aliás a proposta de Bröhm quando desenvolve sua crítica à denegação do corpo na teoria marxista:

(...) é este metabolismo incessante entre o corpo não orgânico (a natureza) e o corpo orgânico (a carne) que é o fundamento histórico da produção do corpo humano, tanto no processo de produção propriamente dito, como no processo de consumo. Marx sublinhou que se na natureza e o consumo dos elementos biológicos e das substâncias químicas permite a produção de plantas, do mesmo modo ‘na alimentação, por exemplo, que é uma forma particular de consumo, o homem produz o seu próprio corpo’ (MARX, 1980, p. 25). (BRÖHM, 2007, p. 344)

Corpo produzido por meio da alimentação, por exemplo, pelo consumo do café enquanto estimulante e energético em um mundo urbanizado de ritmo acelerado, composto de espaços confinados em que as práticas laborais tornam-se cada vez mais operações maquinais ou trabalhos simbólicos em detrimento da atividade braçal que requer força bruta. Corpos de trabalhadores/consumidores imobilizados que, de instrumento físico para produção, torna-se agora alvo de uma atividade laboral específica: a atividade física que visa um corpo *trabalhado* em academias de ginástica:

Essas modificações das formas de controle do corpo inscrevem-se na secularização progressiva das práticas religiosas, no contexto de uma urbanização e de uma industrialização crescentes que transformam profundamente os modos de vida. (COURTINE, 2005, p. 90)

Embora a interpretação do autor, no que concerne às práticas de remodelagem corporal, se ancore em uma genealogia weberiana da cultura puritana dos Estados Unidos da América, pelas palavras mobilizadas percebemos uma alusão às condições materiais (infraestruturais, de forças produtivas e divisão social do trabalho) que se colocam como determinantes, se não para o aparecimento das práticas de remodelagem, para a difusão de tais práticas, cujo escopo é agregar valor ao corpo por meio do trabalho muscular. Corpo talhado pelo esforço físico repetido em aparelhos mecânicos e eletrônicos segundo uma divisão desigual do tempo:

O corpo que produz o capitalismo é duplamente dividido: segundo a lógica de seu duplo caráter (valor de uso e valor de troca) e segundo a lógica das oposições de classes. A produção do corpo obedece, portanto, como as demais produções, à luta de classes: ela distribui desigualmente os homens segundo a hierarquia social. A alguns a produção permite obter um acréscimo de corpo, uma mais-valia corporal, uma fruição corporal; a outros o trabalho impõe o cretinismo do ofício, a mutilação, o definhamento, a decadência do corpo. (BRÖHM, 2007, p. 345)

Nessa leitura, de matiz materialista histórica, não há um corpo natural em oposição ao corpo alterado pela atividade física, pela suplementação alimentar, etc. Nossos corpos são históricos porque são parte dos meios de nossa existência material transformada pelo trabalho humano, são forças produtivas que transformam o mundo e dialeticamente configuram a compleição corporal dos indivíduos no

processo. A oposição, portanto, não se dá entre corpo natural e corpo modificado, mas conforme a divisão desigual entre os próprios corpos. Entre os corpos trabalhados e os corpos consumidos pelo trabalho explorado. Talvez nesta contradição esteja uma chave para melhor entendermos o gosto pela definição muscular que parece marcar nosso momento histórico. Em uma época em que grande parcela do trabalho é realizado em frente a um monitor por um trabalhador de músculos atrofiados e com o sistema nervoso intermitentemente estimulado pelo café nosso de cada dia.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. Resposta a John Lewis [1973]. Trad.: Carlos Nelson Coutinho. In: _____. *Posições*, v. 2. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

BRÖM, Jean-Marie. “Depois de mim, o dilúvio!” Imagens da morte e da negação do corpo em Marx. In NÓVOA, Jorge (org.). *Incontornável Marx*. Salvador / São Paulo: EDUFBA / EDUNESP, 2007.

COURTINE, Jean-Jacques. Robustez na cultura: mito viril e potência muscular. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs.). *História da virilidade*, v. 3: A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Trad.: Noéli de Mello Sobrinho e Thiago de Abreu e Lima Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. Os Stakahanovistas do Narciso: Body-Bulding e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In SANT’ANNA, Denize Bernizzi de. *Políticas do Corpo*, v. 2. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

ESTEVES, Phellipe Marcel da Silva. *O que se pode e se deve comer: uma leitura discursiva sobre sujeito e alimentação nas enciclopédias brasileiras (1863-1973)*. Tese de doutorado (Estudos de Linguagem). Niterói: UFF, 2014.

MARX, Karl. *Grundrisse* [1857-1858]. Trad.: Mario Duayer, Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo / Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

MÉRITO. *Enciclopédia brasileira Mérito*. São Paulo: Editora Mérito, 1958.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* [1975]. Trad.: Eni Orlandi et alii. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

VEIGA, Bernardo Saturnino da (ed.). *Encyclopedia popular*. Campanha, MG: Typographia do <<Monitor Sul-Mineiro>> de Bernardo Saturnino da Veiga, 1879.

W.M. JACKSON. *Encyclopedia e diccionario internacional*: organizado e redigido com a colaboração de distintos homens de sciencia e de letras brasileiros e portuguezes. Rio de Janeiro / Nova York: W.M. Jackson, 1920-1930(?).